

RACISMO NO LIVRO DIDÁTICO? SIM, NO LIVRO DE SOCIOLOGIA¹

Maureci Moreira de Almeida² - (DRE/MT) – maurecialmeida@hotmail.com

Andréia Ramos Comin³ (DRE/MT) – andreiramoscomin@gmail.com

GT 15: RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

Resumo:

O artigo pretende tecer alguns apontamentos e reflexões concernentes à ideologia do branqueamento que muitas vezes aparece de forma escamoteada nos livros didáticos. O livro didático que tomamos como referência, antes da reforma do ensino médio, foi do autor Nelson Dacio Tomazi “Sociologia para o Ensino Médio”. Nesse livro, como em muitos outros, a população negra é representada inúmeras vezes de forma estereotipada, tais como: pessoas escravizadas, em situação de vulnerabilidade social, como mendigos, desempregados e pobres. Na outra ponta, quando são representados a elite, sobretudo de classe média alta, os políticos e os setores econômicos mais abastados, como o agronegócio, o fenótipo predominante é o do branco caucasiano, que dependendo do conteúdo, aparece nas imagens inseridas nas unidades e capítulos do livro didático. A metodologia adotada foi examinar empiricamente o material escolhido, e realizar uma análise das situações contextuais de cada pessoa, negra ou branca, no cenário visual do livro didático de sociologia. É possível afirmar, que as pessoas brancas estão sempre em uma perspectiva de privilégio, seja ele social, cultural ou econômico. No oposto disso, estão as pessoas negras representadas, quase sempre, marcadas pelos estereótipos raciais, socialmente construído e rotineiramente impregnado na mentalidade da sociedade.

Palavras-chave: Ideologia do Branqueamento. Livro Didático. Sociologia. Representar.

1 Introdução

Pretendemos neste artigo, com o título provocador: “Racismo no Livro Didático? Sim, no Livro de Sociologia”, tecer alguns apontamentos e reflexões concernentes à ideologia do branqueamento que muitas vezes aparece de forma escamoteada nos livros didáticos.

O livro didático é um dos principais materiais de apoio para professoras e professores, cuja função é propagar informação, difundir conhecimentos e auxiliar na formação cultural de milhões de estudantes das escolas brasileiras, tanto as públicas quanto as privadas.

¹ Este artigo é uma versão modificada de outro um trabalho já realizado sobre o livro didático de Nelson Dacio Tomazi “Sociologia para o Ensino Médio”.

² Professor Formador de Tecnologia Educacional da Diretoria Regional de Educação (DRE) de Pontes e Lacerda-MT; Licenciado e Bacharel em Filosofia (UFMT); Especialista em Relações Raciais e Educação (UFMT); Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT).

³ Secretária da Diretoria Regional de Educação (DRE) de Pontes e Lacerda-MT; Licenciada em Física (UFMT); Especialista em Informática na Educação (UFMT).

Nesse sentido, o livro didático, de modo geral, apresenta em sua estrutura imagens e textos que tem *status* de verdade quase que inquestionável. De acordo com Carvalho (2006), o livro didático é um instrumento que constitui a cultura escolar, propagando sentidos, significados, normas, conceitos e saberes para quem o lê como uma das fontes de conhecimento.

Teixeira (2011), parece compreender que a finalidade do livro didático é de realizar a mediação do saber historicamente produzido e acumulado pela sociedade. Ele foi pensado como uma maneira de facilitar a aprendizagem das crianças, dos jovens e dos adultos, sintetizando saberes científicos e culturais veiculados socialmente. As escolas públicas utilizam esse material como principal meio de acesso ao conhecimento formal pelos estudantes.

Os livros didáticos tem uma multiplicidade de conteúdos em formato de textos ilustrados por imagens e/ou fotografias, que estão organizados e inseridos nos mais diferentes componentes curriculares. Mas aqueles que saltaram aos nossos olhos são justamente os que ilustram a população brasileira. São por vezes textos ou imagens que dizem respeito, em muitos casos, as formas de pensar a sociedade alimentada pela referência eurocêntrica.

Após estas palavras de caráter introdutório, vamos detalhar a análise do livro didático de Nelson Dacio Tomazi “Sociologia para o Ensino Médio” do ano de 2010, cujo foco será a problemática da ideologia do branqueamento difundida nesse livro.

Para início de nossos apontamentos, constatamos a escassa presença de imagens de pessoas negras nesse livro didático. É importante ressaltar, com base nessa constatação, que para além da questão específica desse material examinado, a problemática das relações raciais, e da ideologia do branqueamento já são temas estudados por pesquisadores no Brasil muito conhecidos, tais como: Munanga (2005), Müller (2011) e Costa (2011). Eles argumentam que socialmente as pessoas negras estão em uma condição de subordinados e menosprezados racialmente. Percebemos que as pessoas negras que aparecem nos livros didáticos têm suas imagens carregadas de estereótipos negativos e não afirmativos. Sempre associadas à pobreza, violência, fome, emigração e desempregados.

Quando os livros trazem conteúdos acerca do continente africano, na maior parte das vezes, as pessoas que são retratadas aparecem em situações deploráveis de escassez, cujas feições maltratadas e magras, faz o senso comum acreditar que todo o continente é assim. Ampliando mais esta questão, Carvalho aponta que:

[...] o livro didático pode também se constituir num instrumento que reproduz discriminação e preconceito, ora de forma silenciosa, ora de forma explícita; isto é, ao “invisibilizar” o processo histórico-cultural e as experiências cotidianas de certos grupos sociais, entre eles os negros, os índios, as mulheres, os ciganos, os homossexuais, cala-se sobre a existência dos diferentes, e isso significa excluí-los não só da história, mas, também da sociedade (CARVALHO, 2006, p.11 [grifos da autora]).

Pensar formas de superação da ideologia do branqueamento e dos estereótipos racistas, passa necessariamente pela reformulação dos materiais didático-pedagógicos, em especial dos livros didáticos, que devem estar, nesse caso, sintonizados com as questões étnico-raciais. Pensar estas formas de superação, não seria uma garantia, mas pode ser que isso contribua para incentivar as discussões acerca da problemática racial, tendo como repercussão o fomento à tolerância e o respeito à diversidade.

2 Metodologia: o recorte e a análise do livro didático de Sociologia

Para realizar a nossa análise, escolhemos o livro do professor Nelson Dacio Tomazi, “Sociologia para o Ensino Médio”, de 2010, volume único. O recorte teórico-metodológico centra-se na questão da ideologia do branqueamento, em que propomos evidenciar como esta ideologia está presente no referido livro. Antes, é importante destacar que não vamos trazer aqui no texto ilustrações⁴. Focaremos apenas nos argumentos e reflexões discursivas.

Assim, nosso artigo tem a pretensão de contribuir, como tantas outras produções referentes a temática racial, com uma análise que possa estimular reflexões e o debate acerca de como a ideologia do branqueamento perpassa o livro didático de sociologia analisado.

Acreditamos que uma das formas de compreender ou explicar o fenômeno do racismo e da ideologia do branqueamento, é analisar os reflexos de seus efeitos no comportamento das pessoas, negras e brancas, e sugerir, por meio de diálogo reflexivo, a sugestão de possíveis meios de enfrentamento à problemática racial.

⁴ Se o leitor que tiver mais interesse essas questões, remeto ao artigo “**Relações raciais e os livros didáticos de linguagens e ciências humanas: reflexões e apontamentos**”, que foi produzido em parceria com o Dr. em Sociologia Francisco Xavier Freire Rodrigues, que é também docente da UFMT. Nesse artigo aprofundamos com maiores detalhes esses pontos destacados aqui. Essa produção também traz algumas imagens que não inserimos no presente artigo.

No subtítulo a seguir, trataremos de modo mais detalhado a questão do branqueamento, dos estereótipos raciais e da representação das pessoas negras nos livros didáticos.

3 Ideologia do Branqueamento: análise e apontamentos no livro didático de Sociologia

Ao analisar o livro em questão, foi possível averiguar o que predomina nas imagens, que ilustram os conteúdos e as temáticas, de pessoas brancas em situações afirmativas e favoráveis. Na contra mão disso, as imagens com as pessoas negras revelam-se na maioria das vezes carregadas de estereotipada. No caso da elite política e econômica, a representação predominante é de pessoas brancas. Elas, quase sempre são retratadas em uma postura soberba e afirmativa.

Infelizmente as pessoas negras sempre aparecem em contextos de submissão e inferioridade. Mesmo assim, é importante destacar que nos últimos anos houve algumas mudanças na elaboração dos livros didáticos, sobretudo com as políticas de mudanças no Novo Ensino Médio, em que notamos mais presença afirmativa das imagens de mulheres negras e homens negros.

Sendo assim, não há dúvidas que essas mudanças ocorreram com o advento das políticas de ações afirmativas, especialmente a partir da promulgação da Lei 10.639/2003, que normatizou o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Sem esta Lei, muitos continuaríamos acreditando que os postos de destaques ocupados majoritariamente pelas pessoas brancas na sociedade, que são herdeiras dos colonizadores europeus, seria natural e necessário por serem consideradas superiores às demais categorias raciais.

4 As pessoas negras e suas representações estereotipadas

Há um alto prestígio e valorização, em nossa sociedade, do fenótipo das pessoas brancas, que predominam sobretudo nos meios de comunicação de massa, como por exemplo: televisão, revistas, *outdoors*, placas de propaganda, etc., que acabam induzindo um imaginário coletivo estereotipado de ideal de beleza.

No sentido oposto, as imagens de pessoas negras representadas principalmente nos livros didáticos incute, quase que na mesma perspectiva dos efeitos produzidos pela televisão, a ideia falsa de que as pessoas negras são inferiores em relação aos demais segmentos raciais, e

esteticamente desprovidas de beleza. Nesse caso, como se daria a incutição dessa ideia falsa? A nossa suspeita é que isso seria um dos efeitos da exposição estereotipada das imagens de pessoas negras, sempre relacionadas a pobreza, ingenuidade, feiúra e preguiça.

Ao que nos parece, nesse sentido, o livro didático possui uma força ideológica e simbólica com muito poder de influência. Isso porque é um material pedagógico planejado e produzido com o intuito de propagar a cultura, os valores, os costumes e o conhecimento acumulado historicamente, destinado a auxiliar na formação escolar de crianças, jovens e adultos.

5 As pessoas brancas nos livros didáticos e suas representões idealizadas

Vamos descrever, para iniciar esta seção, duas imagens que estão no livro do professor Nelson Dacio Tomazi (2010) que acreditamos serem emblemáticas para as reflexões relativas à ideologia do branqueamento.

Uma ilustração do caricaturista Calixto Cordeiro, conhecido como “K. Lixto”, intitulada: “a Monarquia e a República comentam a mudança do regime político”. Na qual a Monarquia diz: “Não é por falar mal, mas com franqueza... eu esperava outra coisa”. A República na sequência responde: “Eu também” (TOMAZI, 2010, p. 224). Esta ilustração está na Unidade 7, no capítulo 23, que traz o seguinte título: “Mudança e transformação social no Brasil”, que discute a questão da modernização do Brasil, o reflexo da independência e as revoluções necessárias para o país avançar politicamente.

A segunda imagem, é uma charge de 1925, do desenhista Alfredo Storni, e que está inserida também na Unidade 7, no mesmo capítulo 23, no contexto do subtítulo: “Modernização conservadora” (TOMAZI, 2010, p. 227). O texto que acompanha a imagem, aborda as mudanças sociais que ocorreram no Brasil, que foram analisadas por intelectuais do início do século XX, e as transformações na sociedade desencadeada pela ação política dos favoráveis ao regime presidencial e pelos defensores da monarquia.

A charge do K. Lixto, faz referência às oligarquias mineiras e paulistas que queriam dividir o trono politicamente na segunda década do século XIX. Na discussão desse processo de divisão, a charge não apresenta nenhuma referência à imagem, mínima que seja, de pessoas negras ou indígenas, como se o país fosse constituído tão somente por pessoas descendentes de europeus. A charge ilustra, de modo muito evidente, como a população negra nessa época não

foram consultadas para essa tomada de decisão, e como eram despossuídas de voz e vez na participação política desse período.

De modo semelhante, a charge do caricaturista Alfredo Storni, também não traz imagens de pessoas negras no debate político entre o regime monárquico e republicano.

Nesse sentido, Silva (1989) em sintonia com os nossos argumentos, enfatiza que:

Ao veicular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígena e africano, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, *apud* SILVA, 1989, p 57).

Esses estereótipos ficam impregnados na subjetividade dos estudantes. À vista disso, os estereótipos relativos as pessoas brancas a exemplo das charges citadas anteriormente, são sempre positivos e afirmativos, ensejando sempre um ideal almejado, a ser seguido e admirado. Isso resulta na manutenção de uma visão, certamente distorcida, de que a dominação, a postura ativa, os valores ético-morais das pessoas brancas, associados costumeiramente à classe média (SILVA, 2005) são celebrados e salientados socialmente como se fossem modelos exemplares. Esse seguimento racial também é percebido pelo senso comum (e o livro didático articula isso muito bem) como conquistador e desbravador do passado de uma terra inóspita. Também são vistos como audazes e inteligentes que ajudaram na formação da sociedade brasileira.

Essa crença atribuída às pessoas brancas por meio das interações sociais, mesmo não sendo conscientemente percebida por elas, estabelece uma norma imperante: seus atributos ético-morais e estéticos, ideologicamente instituídos, são aceitos como se fossem valores civilizatórios unicamente verdadeiros.

Acrescentamos, diante dessa perspectiva, que se não houver um trabalho mais incisivo com a Lei 10.639/2003, pelo menos no âmbito da Educação Escolar, provavelmente haverá a continuidade dos estereótipos negativos em relação às pessoas negras. A presença deles nos materiais pedagógicos “pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a autorrejeição e a baixa autoestima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado” (SILVA, 2005, p. 24).

A autora aponta que os professores encarem a tarefa fundamental de realizar a desconstrução desses estereótipos em relação às pessoas negras e brancas. Ela ainda alerta: a necessidade de uma formação de professor voltada especificamente para a questão racial, pois, “o professor pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma

visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão” (SILVA, 2005, p. 24).

Compreender os mecanismos do racismo, da ideologia do branqueamento e dos estereótipos raciais contidos nos livros didáticos, passa pela formação de professores(as) que atuam na Educação Básica. Sendo que ele/a é o/a protagonista da relação ensino e aprendizagem, e tem de conhecer de forma mais detalhada as questões raciais que envolvem a trama das dinâmicas sociais no Brasil. Estudar o imaginário social em relação as pessoas negras e brancas e adentrar campos teóricos mais densos para conhecer, de maneira mais profunda, os meandros da ideologia do branqueamento. A partir disso, se o/a professor/a realizar a desconstrução dos estereótipos raciais do livro didático junto aos/as estudantes, e ressignificar esses estereótipos (SILVA, 2005), estará enfrentando diretamente o fenômeno do racismo que prejudica a sociedade brasileira. Com essa atitude, o/a professor/a com uma postura crítica, reflexiva e atuante, fortalecerá a prática pedagógica antirracista nas escolas, identificando, intervindo e superando diversos aspectos da problemática racial.

O livro didático de Sociologia analisado neste texto, veicula velhos estereótipos raciais, cujo efeito é manter a ideologia do branqueamento que estrutura o pensamento racial brasileiro. A ausência das pessoas negras positivamente situadas na maior parte de suas unidades significa muito. Isso demonstra que o racismo ainda é um fenômeno que caracteriza a sociedade brasileira, repercutindo em diversos aspectos da cultura e das relações sociais. Dessa forma, o/a professor/a ao participar da escolha do livro didático de Sociologia, realizada até então de três em três anos, deve estar atento a problemática racial, sobretudo em relação a ideologia do branqueamento.

É tarefa do(a) professor(a), no sentido racial e ético, procurar verificar se o livro escolhido para a turma não está carregado de estereótipos raciais, que muitas vezes passam despercebidos. O/a professor/a deve, portanto, preocupar em escolher aquele livro didático que exhibe pessoas negras e brancas dentro de um contexto de igualdade e afirmação de ambos seguimentos.

6 Considerações finais

Mesmo que breve, a análise desenvolvida neste artigo, teve a intenção de servir de pontapé inicial para estimular reflexões para os debates que envolvem a questão das relações raciais, principalmente as associadas aos estereótipos raciais e a ideologia do branqueamento.

Nesse sentido, infelizmente, intelectuais reconhecidamente famosos, tais como: Peter Fry (2005), Yvonne Maggie (2005-2006), Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant (2007), parecem afirmar que no Brasil o racismo seria mais atenuado e não tão duro, se comparado aos Estados Unidos e África do Sul. Já na visão de outros intelectuais da problemática do racismo no Brasil, como aponta Guimarães (2002), a crença estabelecida é que ele seria mais em decorrência da relação de desigualdade entre as classes sociais, do que propriamente um problema racial.

Certamente não é isso que é percebido pela população negra no cotidiano da sociedade brasileira. Veja os noticiários na mídia que frequentemente veiculam diversos casos de agressões contra pessoas negras, sobretudo nos espaços públicos. Muitas dessas agressões estão em um nível simbólico, atuando de maneira sutil e ao mesmo tempo de forma perversa na autoestima das pessoas agredidas.

Na questão do livro didático, essa agressão simbólica, a nosso ver, é parte da ideologia racista que silencia e apaga a diversidade étnica do Brasil, reforçando o racismo à brasileira (DAMATTA, 1986).

Desse modo, o pensamento que alicerça o racismo à brasileira, ancora-se no mito das três raças que compõe o imaginário de fundação do Brasil como nação (DAMATTA, 1986). Esse imaginário é alimentado acriticamente pela historiografia oficial institucionalizada, que desde sempre esteve do lado das elites brasileiras que desejavam arbitrariamente criar uma identidade nacional, cujo efeito pernicioso, pelo menos do ponto de vista étnico-racial, parece ter resultado em uma hierarquia das raças. Nesse imaginário fantasioso, as pessoas brancas estariam no topo dessa hierarquia, os indígenas estariam no meio e as pessoas negras estariam no alicerce desse esquema de organização social. Ainda conforme essa crença, caberiam apenas às pessoas negras tão somente o trabalho braçal e a força muscular, como se não tivessem outros atributos.

O mito das três raças, de acordo com que foi falado aqui, expõe os indícios de como foi imaginado à construção do pensamento racial brasileiro. Nesse caso, a escola provavelmente foi uma das responsáveis por reproduzir e difundir esse mito socialmente ao longo da história.

Dessa maneira, a escola influenciada pelas concepções racistas vigentes acaba reproduzindo socialmente os mitos e as crenças que respaldam as bases da formação do país. De forma geral, aqueles que estão envolvidos tanto no trabalho pedagógico quanto no processo de escolarização, percebem pouco as tramas que envolvem a problemática racial.

Mesmo assim, não podemos negar que houveram avanços em relação ao combate do racismo com a criação das políticas de ações afirmativas, fomentadas principalmente na última

década dos anos 2000. Contudo, lamentavelmente, há ainda muita hostilidade em relação a população negra, que deve ser enfrentada na perspectiva do desmascaramento das ideologias racistas, como por exemplo, a do branqueamento que está presente nos livros didáticos, e no currículo das escolas de Ensino Básico.

Sendo assim, o livro didático, um dos principais materiais pedagógicos é estratégico na aquisição de conhecimento, também pode servir como instrumento ideológico para transmitir certas concepções de valores ético-morais e estéticos. Nesse caso, se ele apenas reproduz a ideologia dominante servirá tão somente de dispositivo de coerção social do seguimento racial branco em detrimento aos demais seguimentos raciais.

Diante do exposto, a superação da problemática racial pode também buscar inspiração nos estudos de Paulo Freire, ao sugerir uma atitude em que oprimidos e opressores, pessoas negras e brancas devem tomar consciência da relação de opressão na qual estão envolvidas (FREIRE, 2005).

A conscientização dessa relação deletéria de opressão pode encaminhar-se no sentido de desfazimento dos estereótipos raciais, combatendo o preconceito racial atuante na sociedade.

Grosso modo, a questão racial infelizmente não faz parte da agenda política e social da maior parte das pessoas na sociedade brasileira. Para muitas dessas pessoas, cujo pensamento está permeado pelo senso comum, não acreditam que o racismo seja um problema realmente sério para democracia.

Dessa maneira, gostaríamos de encerrar este artigo, enfatizando que esta análise e as reflexões tecidas aqui possam somar a outros trabalhos que discutem a questão da ideologia do branqueamento presente no livro didático, especialmente na área de Ciências Humanas. Por outro lado, seria importante destacar que o livro didático distribuído nas escolas públicas, passam por critérios avaliativos que objetivam verificar se atendem às demandas da questão racial. É importante que não venham mais com os estereótipos raciais em relação às pessoas negras. Por isso cabe aos órgãos responsáveis pela produção e distribuição dos livros didáticos, avaliarem de maneira mais rigorosa esses materiais para evitar a ideologia do branqueamento inserida na estrutura e no seu conteúdo.

Portanto, para finalizarmos nossa análise e reflexões, sugerimos para melhorar esse material pedagógico em uma perspectiva racial, que seus produtores busquem destacar a riqueza da diversidade étnica e racial do Brasil, para assim fomentar e promover a tolerância e

o respeito a todos e todas. Com esse intento, contribuirão de maneira significativa para a desmobilização do racismo e seus efeitos nas relações sociais.

Referências

BOURDIEU, Pierre. WACQUANT, Loïc. **Prefácio: Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista**. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis, Ed. Vozes, 2007.

CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido de. **As Imagens dos Negros em Livros Didáticos de História**. UFSC. Florianópolis: 2006 (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Candida Soares da. **Reminiscências Africanas no Português do Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

FRY, Peter. **A persistência da raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUIMARÃES. Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e Democracia Racial: Sobre as Entranhas do Racismo no Brasil**. Disponível em:
<http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf> Acesso em 26 Agosto. 2018.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Imagens e Representações dos Negros nos Livros Didáticos e No Cinema Brasileiro**. Disponível em:
http://www.amerindia.ufc.br/Anteriores/Vol08/vol08_03.pdf Acesso em 28 agosto. 2018.

MAGGI, Yvonne. “**Uma nova pedagogia racial?**” In: Revista USP, São Paulo, n.68, p. 112-129, dezembro/fevereiro 2005-2006. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/68/10-yvonne-maggi.pdf>. Acesso em: 19 de Agosto. 2018.

MATO GROSSO. **Secretaria de Estado de Educação. Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais**. S/d.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Pensamento Social Brasileiro e a Construção do Racismo**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

MUNANGA, Kabengele. “**Apresentação**”. In: Superando o racismo na escola. 2. ed. (org.) Kabengele Munanga. Brasília: MEC, 2005.

PAULO, Marta Diniz. **Raça, Currículo e Práxis Pedagógica**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

SILVA, Ana Célia da. “**A desconstrução da discriminação no livro didático**”. In: **Superando o racismo na escola**. 2. ed. (org.) Kabengele Munanga. – Brasília: MEC, 2005.

SILVA FILHO, José Barbosa da. **Apontamentos Sobre a História do Negro no Brasil**. 2. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

TEIXEIRA, Rozana. **A representação social da branquidade em livros didáticos de história e língua portuguesa**. Disponível em:
http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4321_2683.pdf. Acesso em 04 julho. 2018

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.